

ORIENTE MÉDIO DAS CRUZADAS À 2ª GM



DATAS IMPORTANTES

- 1- Nascimento do Profeta Muhammad: 20/04/571 (d.c.)**
- 2- Início da Missão: aos 40 anos de idade (611 d.c.)**
- 3- A migração para a Medina (622 d.c.)**
- 4- Falecimento do Profeta: 06/06/633 (d.c.)**

OS PRIMEIROS CALIFAS

- 1- Abu-Bakr Alsediq 633 a 634 dc**
- 2- Omar Ibn Alkhatab 634 a 644**
- 3- Othman Ibn Affan 644 a 656**
- 4- Ali Ibn Abi Taleb 656 a 661**

O Império Árabe

A religião islâmica foi a promotora da união e da unificação do mundo árabe. Após a morte do profeta, no ano de **633**, foi iniciada a expansão do império árabe, chegando ao Iêmen, Pérsia, Síria, Omã, Egito e Palestina. Em **711**, dominaram grande parte da península ibérica, espalhando sua cultura pela região da Espanha e Portugal. Em **732**, os francos impediram a expansão árabe pelo norte da Europa.

A UNIVERSIDADE ISLÂMICA DE CÔRDOBA

Os árabes ampliaram seu conhecimento através da absorção de conhecimentos e culturas de outros povos, difundindo-os entre os povos das regiões conquistadas.

Difundiram na Europa grandes nomes como o de Aristóteles e outros.

Fizeram importantes avanços e descobertas na medicina, contribuindo com o desenvolvimento do mundo ocidental.

Grandes contribuições no mundo cultural, artístico e literário.

Construção de maravilhosos palácios, mesquitas e projetos urbanísticos.

Arabescos para ilustração e decoração.

Grandes obras literárias, com: As mil e uma noites e Ali Babá e os quarenta ladrões.

BIBLIOTECA - ILUMINAÇÃO – SANEAMENTO

A ESPANHA ISLÂMICA

A expansão árabe na região de Al-Andalus (denominação árabe da Espanha muçulmana) começou entre 642 e 669, partindo do Egito, como mais iniciativas locais do que uma estratégia do califado central.

No ano de 711, Tarik ibn Ziyad, governador do Magrebe (atual norte do Marrocos), venceu o rei de Espanha. Ele atravessou o Estreito e desembarcou junto a um enorme rochedo, que tomou o nome de Jabal-Tariq (Monte de Tariq), mais tarde ocidentalizado para Gibraltar.

Em 712, grande parte da Espanha central, Portugal e partes da Itália já tinham sido conquistadas.

Os árabes estabeleceram a sua capital em Córdoba, às margens do rio Guadalquivir, o que garantia água suficiente para a produção agrícola, que se desenvolveu graças às novas técnicas introduzidas por eles.

O geógrafo árabe Ibn Haukal Annassibi, ao visitar a Andaluzia, referiu-se à região nos seguintes termos: "Andalus é uma ilha extensa, medindo um pouco menos de um mês de marcha, de comprimento, e vinte e tantos dias de largura. É rica em rios e mananciais, é repleta de árvores e plantas de todo feitio e é suprida com tudo que acrescente conforto à vida; a comida é excessivamente farta e barata, devido também à fertilidade da terra, que rende toda a espécie de grãos, vegetais e frutas, assim como à quantidade e qualidade de suas pastagens, nas quais inúmeros rebanhos pastam..." .

Prosseguindo em direção norte, os muçulmanos chegaram até a cidade de Tours, na França central, onde foram derrotados pelos francos em 732. A expansão muçulmana tinha alcançado seu ponto máximo no ocidente e as conquistas praticamente cessaram a partir daí.

ENTRE OMÍADAS E ABÁSSIDAS NA ANDALUZIA

O fim da dinastia omíada e a chegada ao poder da dinastia abássida, em 750, deu início a um dos mais importantes capítulos da história islâmica. Lá, em Al-Andalus, foi construída uma civilização em muito superior a qualquer outra até então conhecida.

Durante a revolução abássida em Damasco, **Abdul Rahman**, neto de um ex-califa omíada, conseguiu escapar para a Espanha, e, auxiliado pelos árabes fiéis aos omíadas, tomou Córdoba e assumiu o título de emir (príncipe), **declarando-se independente do califado central**, muito embora reconhecesse a soberania religiosa do califa. Em Córdoba, estabeleceu seu próprio califado em nome dos omíadas e a dinastia manteve o controle da Espanha por 300 anos, até que os bérberes almorávidas, vindos do norte da África, tomassem o poder no século XI.

Abdul Rahman foi o responsável pela construção de canais e pelo desenvolvimento de um sistema de irrigação que tornou a terra mais fértil e produtiva. Fundou universidades em Córdoba, Sevilha e Toledo, que nos séculos seguintes foram centros de referência para muçulmanos e não muçulmanos de toda a Europa. Iniciou também a construção da grande Mesquita de Córdoba, uma das maravilhas da arte islâmica.

As bases do poder andaluz estavam assentadas na extraordinária capacidade econômica proveniente de um comércio importante, uma indústria desenvolvida e um conhecimento agrícola revolucionário para a época. A economia baseava-se na moeda e a emissão de dinheiro desempenhou um papel fundamental para o esplendor financeiro. A moeda de ouro de Córdoba tornou-se a moeda principal do período. O califado de Córdoba foi o responsável pela primeira economia urbana e comercial que floresceu na Europa, depois do desaparecimento do império romano.

MESQUITA CORDOBA E RIO GUADALQUIVIR



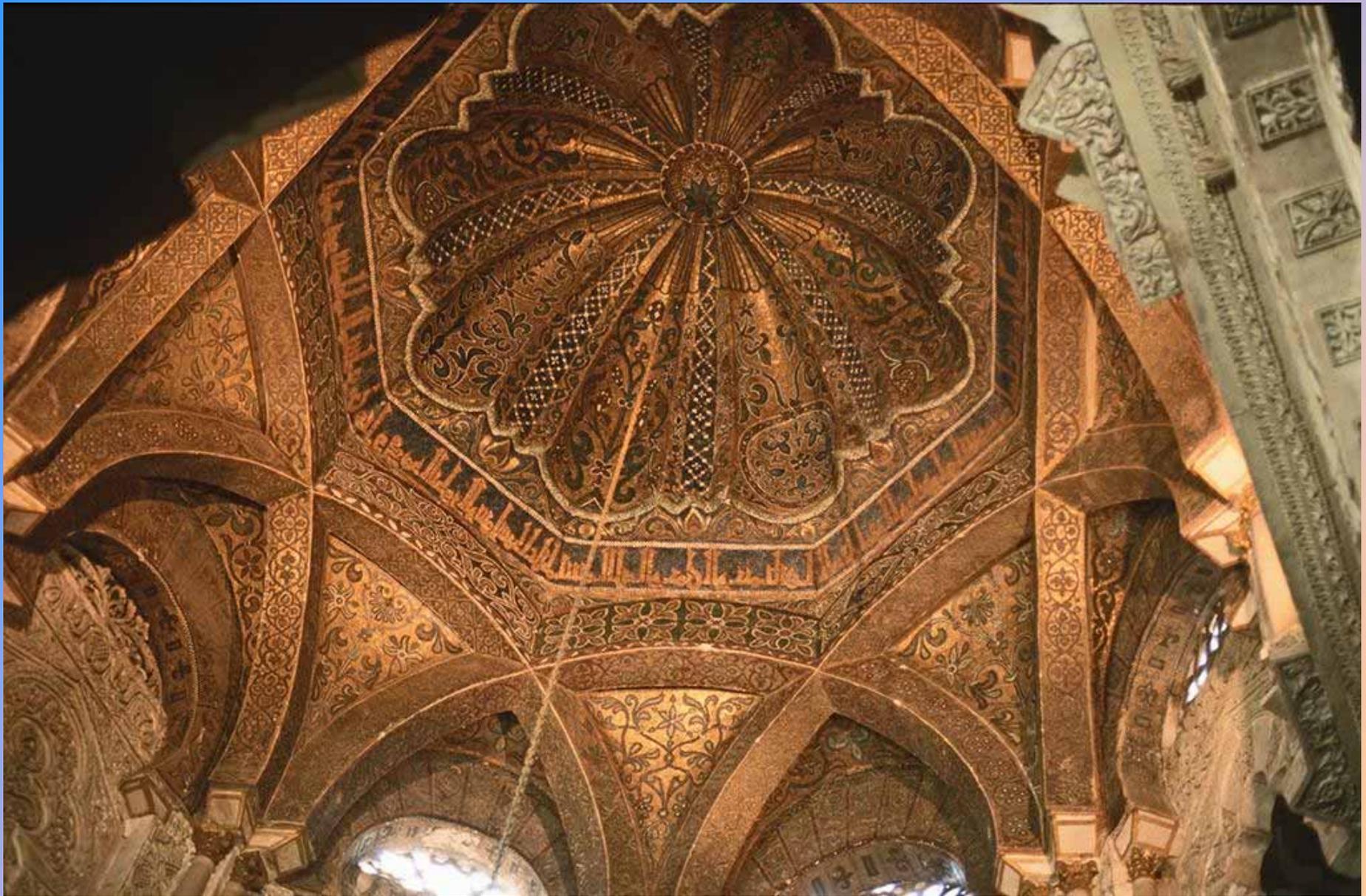


MESQUITA DE CÔRDOBA

o2

MESQUITA DE CÔRDOBA

oem; 23/10/2006



MESQUITA DE CÔRDOBA



MESQUITA DE CÔRDOBA

No **século XI** começaram a surgir os primeiros focos de **resistência**. Iniciava-se a Reconquista Espanhola, que evidenciou a causa maior que iria determinar o fim desse período refinado e de grande esplendor: **a inabilidade dos inúmeros governantes da Espanha islâmica em manter uma unidade política**. Quando os reis cristãos começaram a representar uma ameaça real para os domínios islâmicos, os governantes muçulmanos pediram **auxílio aos almorávidas**, uma dinastia bérbere do norte da África. Os almorávidas atenderam ao chamado e acabaram com a revolta cristã, mas, em contrapartida, **tomaram o poder** para eles.

**O PERÍODO DOS OMÍADES (89 anos):
661 a 750 d.c.**

Falecimento do Califa Omar Ibn Abdul Aziz: 723 d.c.

ABÁSSIDAS: 508 ANOS EM DUAS FASES

- **O PERÍODO DOS ABÁSSIDAS ASCENDENTES:
195 anos (750 a 945 d.c.)**
- **O PERÍODO DOS ABÁSSIDAS DECADENTES:
313 anos (945 a 1258 d.c.)**

- **Os Cruzados retomam Jerusalém em 1099 d.c. (492 h.)**
- **Saladino reconquistou Jerusalém em 1187**
- **Saladino assina o acordo de Paz 1192 (597 H.)**
- **Saladino faleceu em 1193.**
- **A última das cruzadas foi em 1291.**

A história das Cruzadas é um capítulo muito rico na História da Humanidade em geral e do mundo Medieval em especial.

196 ANOS DE GUERRA PSEUDO-RELIGIOSA

A primeira Cruzada foi iniciada pelo Papa Urbano II, em 1095.

A última das cruzadas foi em 1291.

THE HOLY CRUSADES

From the confines of Jerusalem and the city of Constantinople a horrible tale has gone forth and very frequently has been brought to our ears: namely, that a race from the kingdom of the Persians, an accursed race, a race utterly alienated from God, a generation, forsooth, which has neither directed its heart nor entrusted its spirit to God, has invaded the lands of those Christians and has depopulated them by sword, pillage, and fire. . . .

---Pope Urban II, Proclamation at Clermont, 1095.

O Papa Urbano II convocou os europeus para formarem exércitos que contarão com a benção de Deus, e os que morrerão terão todos os seus pecados perdoados, e o Céu e a sua salvação serão assegurados. A primeira Cruzada assim foi lançada.

AS PRINCIPAIS CRUZADAS

1- 1095 - Papa Urbano II – Invasão de Jerusalém.

2- 1187 – Saladino conquista de Jerusalém.

3- (1189-1192) - Imperador romano Frederick Barbarossa + Philip Augustus (França) + Richard Coração de Leão (Inglaterra).

4- 1248 – O Rei da France, **Louis IX** atacou Egito com a intenção de conquistar a Palestina. Foi derrotado.

5- 1270 – **Louis IX** Voltou via Tunísia e também derrotado.

6- 1291 – A queda de Acre

PRIMEIRA INVASÃO DA CIDADE SANTA (07/07/1099)

Os habitantes árabes da cidade, judeus e muçulmanos, representavam para os soldados cristãos europeus o demônio, a impureza, a profanação dos lugares santos.

Os árabes foram exterminados a espadas e lanças. Alguns foram queimados vivos.

O número das vítimas ultrapassou a 40 mil mortos em apenas dois dias!

O Santo Massacre

Em sua visita (em 2000) à Terra Santa em celebração pela passagem do segundo Milênio do Cristianismo, o papa João Paulo II pediu perdão aos judeus e muçulmanos pela Igreja Católica ter, há 900 anos atrás, instigado a Cruzada que terminou por produzir um terrível massacre da população civil árabe de Jerusalém, por parte dos soldados cristãos da Europa.

Como se deu esse assalto à Cidade Santa :



C

M



Os 2 lados das CRUZADAS

Há quase mil anos, o Ocidente trombou com o Oriente. O mundo cristão invadiu o mundo muçulmano e deu origem a 200 anos de guerra. Só dá para entender essa história se conhecermos os dois lados dela

POR RODRIGO CAVALCANTE COM DESIGN DE ADRIANO SAMBUGARO E ILUSTRAÇÕES DE HARE E ROGÉRIO NUNES

Cruzada. No mundo pós-11 de setembro, a simples menção dessa palavra causa polêmica. Após o ataque às torres gêmeas, o presidente George W. Bush teve de pedir desculpas por usar o termo "cruzada" para nomear sua guerra contra o terrorismo. Osama bin Laden aproveitou a gaife. Em seu pronunciamento, o terrorista classificou a guerra no Afeganistão de "cruzada religiosa contra os muçulmanos". A palavra ressuscitava dos livros de história. Só faltava Hollywood se interessar pelo assunto. Não deu outra.

O enredo do filme *Cruzados*, de Ridley Scott, que está chegando aos cinemas, gira em torno de um ferreiro que se torna cruzado. Em tempos de Guerra no Iraque, nada mais natural que um filme com tema tão espinhoso despertasse protestos antes mesmo do lançamento. Em agosto de 2004, o jornal *The New York Times* entregou o roteiro de *Cruzados* para teólogos cristãos e islâmicos. Os cristãos não viram problema, mas os muçulmanos acusaram o filme de estar cheio de erros.

Afinal, o que foram as cruzadas? Um ato de fé e heroísmo? Um massacre co-

varde? "Não faz sentido buscar hoje bandidos e mocinhos", diz o holandês Peter Demant, historiador da USP. "As batalhas tiveram significados diferentes para o Ocidente e o Oriente". Existem, portanto, duas histórias das Cruzadas. Nada melhor do que narrar essa história dos dois pontos de vista. Como você poderá constatar nos dois textos que correm nas páginas seguintes, as versões não se contradizem. São olhares diferentes que ajudam a entender por que, nove séculos depois, o assunto continua fascinando – e causando polêmica – nos dois lados do mundo.

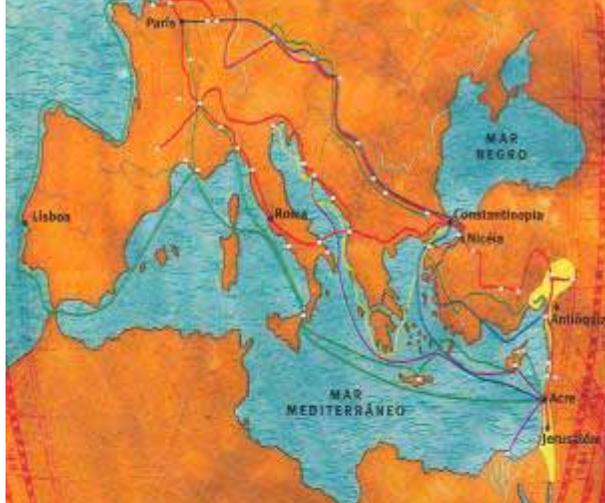


O MAPA DA SAGA

Por 200 anos, gente de toda a Europa cruzou o mar para lutar.

PARA RESUMIR

Os historiadores costumam dividir as cruzadas em cinco, embora o número de pequenas expedições tenha sido imenso. Este mapa dá uma boa ideia do que aconteceu naqueles dois séculos.



- Reinos Cruzados (1095-1144)
- Primeira Cruzada (1095-1099)
- Segunda Cruzada (1147-1149)
- Terceira Cruzada (1189-1192)
- Quarta Cruzada (1199-1204)
- Quinta Cruzada (1217-1221)

Fonte: Wikipédia, domínio público

NESTA FAIXA SUPERIOR DE TEXTO, VOCÊ VAI ACHAR A VERSÃO OCIDENTAL DAS CRUZADAS. LEIA ESTE TEXTO ANTES, PARA ENTENDER MELHOR O OUTRO



O papa Urbano II (ao lado) deu origem a essa história toda. Foi ele que, num dramático comício realizado em Clermont, na França, conclamou os cristãos a invadirem e reconquistarem a Terra Santa

O EXÉRCITO DE CRISTO

No dia 27 de novembro de 1095, o papa Urbano II fez um comício ao ar livre nas cercanias da cidade de Clermont, na França. Na audiência, além de muitos bispos, havia nobres e cavaleiros. Depois desse sermão, o mundo nunca mais seria o mesmo. No discurso, o papa tentou convencer os espectadores a embarcar numa missão que parecia impossível:

cruzar 3 mil quilômetros até a cidade santa de Jerusalém e expulsar os muçulmanos, que dominavam o lugar desde 638. Segundo os historiadores, Urbano II deve ter usado uma linguagem vibrante e provavelmente falou dos horrores que os peregrinos cristãos à Terra Santa estavam vivendo. Do alto de sua autoridade divina de substituto de São Pedro na Igreja,

o papa prometeu: quem lutasse contra os infieis ganharia perdão de todos os pecados e lugar garantido no paraíso. Um prêmio tentador no imaginário do homem cristão medieval, sempre atormentado pela ameaça de queimar no inferno.

A reação da multidão foi imediata. Gritos de "Essa é a vontade de Deus" começaram a ecoar. A pregação mal havia terminado e o bispo Ademar de Monteil, num gesto provavelmente ensaiado, ajoelhou-se diante do papa e "tomou a cruz", ritual de alistamen-

to em que o voluntário recebia uma cruz de pano que deveria ser costurada na altura do ombro do uniforme de batalha. Ademar embarcaria na primeira cruzada. Dali em diante, aquela cruz passaria a identificar os "soldados de Cristo", ou, simplesmente, "cruzados".

Segundo os historiadores, a intenção do papa era convocar apenas cavaleiros bem preparados. Mas seu discurso empolgou especialmente os camponeses pobres que tinham pouco a perder. As cruzadas terminariam

CONTINUA NA PÁGINA SEQUINTE

A FAIXA DE TEXTO ABAIXO TRAZ UMA VERSÃO PARA AS CRUZADAS QUE NÃO APRENDEMOS NA ESCOLA – O MODO COMO OS MUÇULMANOS VÊM O CONFLITO



Antes da invasão cristã, Jerusalém era uma cidade tranqüila, onde muçulmanos conviviam em paz com judeus e cristãos, desde que estes não ofendessem Alá e respeitassem o Alcorão

A INVASÃO BÁRBARA

Foi um dia de terror. Em 15 de julho de 1099, milhares de guerreiros loiros entraram em Jerusalém marando adultos, velhos e crianças, espartando as mulheres e saqueando mesquitas e casas. As ruas se transformaram numa imensa poça de sangue. Os poucos sobreviventes tiveram de enterrar os parentes rapidamente antes que eles próprios fossem presos e vendidos como escravos. Dois

dias depois, não havia sequer um muçulmano em Jerusalém. Tampouco havia judeus. Nas primeiras horas da batalha, muitos deles participaram da defesa do seu bairro, a Juderia. Mas, quando os cavaleiros invadiram as ruas, os judeus entraram em pânico. A comunidade inteira, repetindo um gesto ancestral, reuniu-se na sinagoga para orar. Os invasores bloquearam as saídas, jogaram lenha e acenderam fogo à si-

magoga. Os judeus que não morreram queimados foram assassinados na rua.

A cena é narrada em *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, do libanês radicado na França Amin Maalouf. Seu livro é uma tentativa de contar as cruzadas do ponto de vista de quem estava do lado de lá. Para os cronistas muçulmanos, na verdade, não existiram cruzadas. As invasões cristãs em seus territórios ficariam conhecidas como as invasões dos francos (porque a maioria dos cruzados falava o francês), um período de terror e brutalidade na história do Islã.

LÁ VÊM ELES

A primeira investida dos francos, ocorrida em 1096, três anos antes do terrível ataque a Jerusalém, não chegou a assustar o sultão turco Kilij Arslan, o comandante dos territórios do atual Afeganistão até o que viria a se chamar, séculos depois, de Turquia. Liderado por um tal de Pedro, o Eremita, o grupo que se aproximava de Constantinopla com a ameaça de exterminar todos os muçulmanos da região mais parecia um bando de mendigos maltrapilhos. En-

CONTINUA NA PÁGINA SEQUINTE



À esquerda, o ritual de "tomada da cruz", no qual o papa alistava os nobres no "exército de Cristo". Mas nem só de nobres se fizeram as cruzadas. À direita, Pedro, o Eremita e seu exército de maltrapilhos



Entrando para a história como o maior movimento populacional da Idade Média, redefinindo para sempre o mapa do mundo.

A AMEAÇA DO ISLÃ

No século 11, não havia dúvidas: o Islã era a religião mais forte do planeta. Em menos de cinco séculos, desde a morte de Maomé, em 632, a palavra de Alá tinha conquistado a Península Arábica, o norte da África, a Ásia Central, Espanha, Portugal, grande parte da Índia e até um pedacinho da China.

Não era uma hegemonia apenas religiosa. Os muçulmanos superavam os cristãos em ramos como a matemática, a astronomia, a medicina e a química. Não havia cidade europeia que se comparasse aos centros islâmicos. O Cairo sozinho abrigava tanta gente quanto Paris, Veneza e Florença juntas, as três maiores cidades cristãs da época.

Foi quando chegou ao papa um pedido de ajuda do Império Cristão Bizantino. A sede do império, Constantinopla (atual Istambul, capital da Turquia), era o maior centro do cristianismo na-

quela parte do mundo. Os bizantinos estavam preocupados com a presença nas suas fronteiras dos muçulmanos, naquela época governados por uma agressiva monarquia de etnia turca, os seljúcidas. Originados de uma tribo de saqueadores nômades das estepes da Ásia Central, os seljúcidas haviam conquistado os territórios do califado de Bagdá no século 10 e, após se converterem ao islamismo, tornaram-se a maior força muçulmana. E eles queriam mais. Já tinham tomado a cidade bizantina de Nicéia e estavam a menos de 160

quilômetros de Constantinopla, o equivalente a três dias a cavalo.

Naquele momento, não restava alternativa ao imperador bizantino Alebo Comenos a não ser apelar para seus confrades europeus. Só que, quando o imperador avisou a primeira leva de combatentes cristãos, teve motivos de sobra para se preocupar.

CRUZADA POPULAR

Se é verdade que a intenção do papa era enviar um exército forte e organizado, formado pela elite dos cavaleiros,

ele se frustrou um pouquinho. Uma série de pregadores populares começaram a incitar o povo a atacar os "infiéis". A promessa de remissão dos pecados, aliada à chance de pilhar tesouros lendários, era bem atraente. Velhos, mulheres e crianças resolveram se lançar na aventura.

O primeiro desses exércitos foi liderado por um pregador conhecido como Pedro, o Eremita. Já no caminho, seus seguidores criaram tumultos, massacrando comunidades judaicas em cidades como Trier e Colônia, na atual Ale-

manha. "As cruzadas fugiram do controle", diz a professora Leila Rodrigues da Silva, professora de História Medieval da UFRJ. "É provável que muitas dessas pessoas nem soubessem diferenciar um judeu de um muçulmano."

Ainda assim, o imperador bizantino recebeu os seguidores do Eremita em Constantinopla. Prudentemente, Aleixo aconselhou o grupo a aguardar a chegada de tropas mais bem equipadas. Mas a turba começou a saquear a cidade e foi obrigada a se alojar fora de Constantinopla, perto da fronteira mu-

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



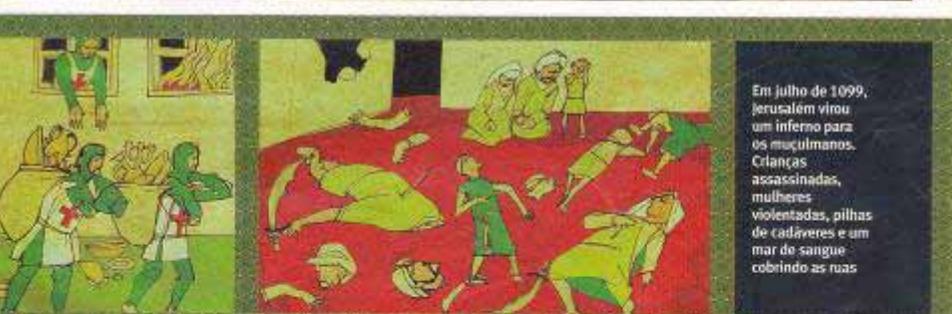
Entre os guerreiros, havia uma maioria de mulheres, velhos e crianças — um inimigo muito menos ameaçador do que os cavaleiros mercenários que o sultão estava acostumado a enfrentar.

Durante um mês, mais ou menos, tudo o que os cavaleiros turcos fizeram foi observar a movimentação dos invasores, que se ocupavam apenas de saquear as regiões próximas do acampamento onde foram alojados. Quando parte dos europeus resolveu partir em direção às muralhas de Nicéia, cidade

dominada pelos muçulmanos, uma primeira patrulha de soldados do sultão foi enviada, sem sucesso, para barrá-los. Tão logo os francos tentaram uma ofensiva, marchando lentamente e levando uma novera de poeira, foram recebidos por um ataque de flechas. A maioria morreu ali mesmo, já que não dispunha de nenhuma proteção. Os que sobreviveram fugiram em pânico. O sultão, que havia ouvido histórias temíveis sobre os francos, respirou aliviado. Mal imaginava ele que

que levou cerca de uma semana.

Quanto ao restante dos cruzados maltrapilhos, foi ainda mais fácil exterminá-los. Tão logo os francos tentaram uma ofensiva, marchando lentamente e levando uma novera de poeira, foram recebidos por um ataque de flechas. A maioria morreu ali mesmo, já que não dispunha de nenhuma proteção. Os que sobreviveram fugiram em pânico. O sultão, que havia ouvido histórias temíveis sobre os francos, respirou aliviado. Mal imaginava ele que



Em julho de 1099, Jerusalém virou um inferno para os muçulmanos. Crianças assassinadas, mulheres violentadas, pilhas de cadáveres e um mar de sangue cobrindo as ruas

aquela era apenas a primeira invasão e que cavaleiros bem mais preparados ainda estavam por vir.

A ATAQUE-SURPRESA

Em meados de 1097, um ano depois da vitória sobre os homens do Eremita, os muçulmanos não estavam lá muito preocupados com a notícia da chegada de novos invasores. Mas a segunda leva de cavaleiros francos que marchava em direção aos seus territórios em nada se parecia com aqueles maltrapilhos ingê-

nutos e despreparados. Bem protegidos com armaduras e escudos, os cavaleiros que agora chegavam não seriam presa fácil para as flechas lançadas pelos arqueiros turcos. Quando os muçulmanos se deram conta dessa diferença, já era tarde demais.

Em poucos dias, os cruzados invadiram a cidade de Nicéia e continuaram marchando como um verdadeiro furacão. Os exércitos turcos mal acabavam de lutar contra uma leva de invasores e, pronto, chegava um novo contin-

gente ainda mais numeroso. Em pânico, a população de cidades como Antioquia assistia desesperada à chegada daqueles cavaleiros. Não havia nada a fazer. Alguns muçulmanos acreditavam até que se tratava do fim do mundo. Relatos do período dizem que o final dos tempos seria precedido pelo nascer de um gigantesco sol negro, vindo do Oeste, acompanhado de hordas de bárbaros. Se o sol negro ainda não havia aparecido, os bárbaros, ao menos, já davam as caras.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



O imperador bizantino Alexios Comnenos (à esquerda) recebeu os primeiros nobres cruzados em sua capital, a maravilhosa Constantinopla (à direita). Esta mesma cidade acabaria saqueada por outra cruzada



culmana. Até que, em agosto de 1096, o bando inquieto cansou-se de esperar e partiu para a ofensiva. Foi massacrado. Somente dois meses após essa "cruzada popular" começaram a chegar a Constantinopla os primeiros exércitos liderados por nobres. Esses homens estavam interessados em mais do que um lugarzinho no céu. "Nessa época, a Europa vivia um boom populacional e a pressão pela posse de terras era muito grande", diz a historiadora da Idade Média Patrícia Fernandes, da UFPR. "Os filhos de nobres que não eram primo-

gênticos só podiam enriquecer por meio de um bom casamento, algo cada vez mais difícil. As cruzadas abriram uma esperança para eles", diz ela.

ATÉ QUE FOI FÁCIL

O primeiro líder nobre a chegar a Constantinopla, em dezembro de 1096, foi o conde Hugo de Vermandois, primo do rei da França, que veio pelo mar com seus cavaleiros e soldados. Logo depois, vindo pela mesma rota, aportou o duque da Baixa Lorena, Godofredo de Bouillon, acompanhado de irmãos e

primos. Para financiar sua participação na cruzada, Godofredo vendera seu castelo – o que prova que não pretendia voltar para casa.

Em abril de 1097, cerca de 40 mil homens atravessaram o estreito de Bósforo (que separa a Europa da Ásia) sem encontrar resistência. O governo muçulmano, o sultão turco Kilij Arslan, iludido pela facilidade com que havia derrotado os pobres cruzados do Eremita, estava mais preocupado com disputas internas com vizinhos muçulmanos do que com a chegada de um novo

contingente de cristãos. Como o sultão iria perceber tarde demais, esse seria o maior erro de sua vida.

Dessa vez, bem equipados com escudos, armaduras e cavalaria, os cruzados cercaram e tomaram Nicéia, devolvendo-a aos bizantinos. Em outubro de 1097, eles chegaram a Antioquia, conquistando aquela que havia sido uma das principais cidades do Império Romano. Seis meses depois, os cristãos partiram em direção a Jerusalém. A essa altura, restavam 13 mil homens, um terço do contingente inicial. Após um

mês de cerco, em 13 de julho de 1099, os cruzados conseguiram finalmente entrar na cidade santa. No dia 15 venceram as últimas resistências.

Para a maioria deles, a conquista fora um milagre. Menos de quatro anos após a pregação em Clermont, os cristãos vitoriosos saíam em procissão para o Santuário do Santo Sepulcro, onde Cristo teria ressuscitado. O papa Urbano II morreu duas semanas depois, sem ter recebido a boa notícia da vitória. Mas ele também foi poupado das más notícias que chegariam depois.

DERROTA APÓS DERROTA

Foram criados quatro Estados cristãos nos territórios conquistados. Ao sul, o mais importante, o Reino de Jerusalém, governado por Godofredo de Bouillon. Um pouco acima estavam o Estado de Trípoli, o Principado de Antioquia e o Condado de Edessa. Os chefes desses Estados logo perceberam que a permanência lá não seria fácil.

Os governantes cristãos logo perderam o apoio dos bizantinos, porque se recusavam a reconhecer a soberania do

CONTINUA NA PÁGINA SEQUINTE



A reação islâmica tem um grande herói: Saladino, o líder que unificou muçulmanos. Ele organizou a tropas e passou a colecionar vitórias contra os cada vez mais enfraquecidos cristãos.

A nova ofensiva, que culminou com a brutal invasão de Jerusalém, em julho de 1099, alteraria para sempre a visão que o Oriente tinha do Ocidente. Os saques, estupros e assassinatos de crianças não eram nada comparados com o tratamento que os próprios muçulmanos sempre deram aos cristãos e judeus que viviam em seus territórios. Quando eles chegaram a Jerusalém, no século 7, fizeram questão de preservar as igrejas cristãs e sinagogas judaicas. O acordo era claro: desde que esses po-

vos não insultassem o profeta e não deixassem de pagar seus impostos, eles sempre teriam a liberdade para viver de acordo com suas crenças e suas próprias leis. Os poucos casos de governos hostis aos judeus e cristãos não passavam de exceções em longos períodos de convivência pacífica.

Com a queda de Jerusalém e a derrota para os francos, os muçulmanos aprenderam uma difícil lição: enquanto estivessem desunidos, o futuro do Islã estaria comprometido. Para que essa

união fosse possível, contudo, seria necessário o surgimento de um líder respeitado pela maioria dos muçulmanos. Ele apareceu quase um século depois.

A REAÇÃO ISLÂMICA

O homem que se transformaria no herói da reação muçulmana era um soldado curdo chamado Salah al-Din, conhecido no Ocidente como Saladino. Até hoje seu nome é venerado como símbolo da resistência contra o Ocidente – o próprio Saddam Hussein, conde-

ção pelas atrocidades cometidas contra os curdos de seu país, citou várias vezes o nome de Saladino aos iraquianos nos dias que antecederam a invasão americana.

Décadas após a fundação dos reinos cristãos no Oriente, os muçulmanos ainda não haviam conseguido retomar a maioria dos territórios perdidos. As disputas entre os diversos califas e sultões tampouco ajudavam na reconquista. Em 1174, ao tornar-se o soberano mais importante do mundo muçul-

mano, Saladino já pensava em como unir os estados islâmicos para uma contra-ofensiva.

A chave do sucesso de Saladino era um misto de profunda convicção religiosa e pragmatismo militar. Para derrotar os cruzados, ele pregava a união de todos os muçulmanos em torno da jihad, a guerra santa do Islã. Relatos contam que ele costumava reclamar que os muçulmanos não lutavam com o mesmo fervor dos cristãos. Após organizar os exércitos e treinar novas téc-

nicas de combate, ele conseguiria o que muitos consideravam impossível: em 1187, reconquistou a cidade sagrada de Jerusalém, que havia 88 anos estava nas mãos dos cristãos. Após entrar na cidade, muitos muçulmanos quiseram destruir a Igreja do Santo Sepulcro e matar todos os cristãos por vingança pelas atrocidades cometidas na invasão dos cruzados. Saladino, porém, fez questão de conter os ânimos dos seus soldados, preservando tanto a igreja quanto a vida dos cristãos.

CONTINUA NA PÁGINA SEQUINTE



Na extrema esquerda, os nobres cruzados Hugo de Borgonha e Godofredo de Bouillón, heróis das primeiras conquistas cruzadas. Em seguida, a tomada da cidade santa de Jerusalém, momento culminante das cruzadas para os cristãos

Império na região e não haviam demonstrado nenhum escrúpulo em substituir os patriarcas da Igreja Ortodoxa Bizantina por bispos oriundos da Igreja Católica Romana. Para piorar, não havia soldados suficientes para a formação de grandes exércitos. Logo após a conquista de Jerusalém, milhares de cavaleiros regressaram à Europa. Em 1144, a perda de Bêssesa para os muçulmanos foi a primeira prova da vulnerabilidade cristã. Com o objetivo de recuperar o território perdido, o papa Eugênio III lançou uma segunda

cruzada em 1145, liderada por Luís VII, rei da França. Foi um fracasso. O filme que está chegando aos cinemas retrata as cruzadas a partir desse período. Mas o pior estava por vir. Em 1187, sob a liderança de Saladino – o sultão que unificou os muçulmanos e até hoje é venerado por seguidores do Islã no mundo inteiro –, os muçulmanos reconquistaram o Reino de Jerusalém. Era o começo do fim. A perda de Jerusalém foi um choque para a Europa cristã, apesar de Saladino ter permitido peregrinações ao San-

to Sepulcro. Dall' em diante, houve pelo menos mais quatro grandes cruzadas em direção à Terra Santa e os cristãos colecionaram derrotas e vexames. Um dos piores foi o de 1204, quando uma cruzada acabou atacando e saqueando a cidade cristã de Constantinopla, deixando cicatrizes profundas na relação entre os cristãos do Oriente e do Ocidente. Em 1212, organizou-se uma cruzada formada por adolescentes, a "Cruzada das Crianças". Seus participantes, na maioria, terminaram mortos ou vendidos como escravos.

A HERANÇA CRUZADA

Mas, afinal, qual foi a herança das cruzadas para o Ocidente? Segundo os historiadores, elas deixaram diversas marcas negativas, como a separação da Igreja do Ocidente e do Oriente e um rastro de violência que fez aumentar a desconfiança entre cristãos e muçulmanos nos anos seguintes. Em compensação, é inegável que a Europa, apesar de não ter conquistado seus objetivos, saiu fortalecida. As cruzadas reforçaram a autoridade dos reis,

abrindo caminho para a criação dos Estados Nacionais. Elas também impulsionaram o comércio com o Oriente, enriquecendo as cidades italianas que iriam ter papel fundamental na sofisticação das transações financeiras até resultar na criação do sistema bancário. Além disso, reforçaram a identidade cristã no Ocidente. E paradoxalmente, apresentaram os costumes orientais aos ocidentais, dos tapetes às especiarias. Essas novidades gerariam curiosidade na Europa, o que impulsionaria a busca por outras terras. Como o Brasil.

Mas isso tudo é só metade da história. Volte à página 54 para conhecer o lado menos conhecido das cruzadas. **E**

PARA SABER MAIS

Na Europa:
The Oxford Illustrated History of The Crusades
Jonathan Riley-Smith, Oxford University Press, Reino Unido, 2001.
Brasil:
História Medieval do Ocidente Medieval
Jacques Le Goff e John Gillingham, São Paulo, Companhia de São Paulo, 2002.
Os Templários:
New York, 1980, 2001
O Livro de Derrubado Papas:
Paul Johnson, São Paulo, 1998



Perder Jerusalém, em 1187 (à esquerda), foi o mais duro golpe sofrido pelos cristãos. Mas as cruzadas só acabaram 104 anos depois, quando os árabes retomaram Acre. Era o fim de 200 anos de guerra

Como já era esperado, a queda de Jerusalém foi um choque para o Ocidente. A cada derrota no front cristão, novas cruzadas eram enviadas ao Oriente, arrastando a batalha por décadas. O último bastião cristão na região só seria derrubado mais de um século após a tomada de Jerusalém por Saladino. O capítulo das cruzadas medievais terminaria apenas em 1291, quando os muçulmanos expulsaram os cristãos do Reino do Acre, ao norte de Jerusalém.

O LEGADO DA BRIGHA

Durante muito tempo, uma pergunta intrigou historiadores tanto do Ocidente quanto do Oriente: se os muçulmanos saíram vitoriosos das cruzadas, por que os estados islâmicos terminaram sendo enfraquecidos, no séculos seguintes, pela ascensão de potências europeias? Segundo a maioria dos pesquisadores, a ascensão europeia tem menos ligação com as cruzadas e mais a ver com a debilidade dos governos muçulma-

nos da época. Essa fraqueza estava ligada a vários fatores, entre eles a falta de identidade árabe (desde o século 9, a maioria dos dirigentes muçulmanos era estrangeira, como os turcos seljúcidas) e a incapacidade de criar instituições estáveis – como os Estados em formação na Europa Ocidental. O fato é que as cruzadas foram um marco nas relações entre ocidentais e orientais. Naquele momento, os "invasores bárbaros" eram os ocidentais cristãos e a grande potência era a muçul-



mana. Sobrou daquela guerra um sentimento amargo, que estragava de tempos em tempos, como tem acontecido com frequência desde o ataque terrorista de 2001. Não são poucos os muçulmanos que atribuem o atraso econômico de seus países àquela agressão quase um milênio atrás – e que querem vingança por isso. A vitória contra os francos e a ascensão de Saladino reforçaram no imaginário muçulmano a ideia de que é possível vencer o inimigo com astúcia e

senso de justiça. Além disso, as lutas contra os francos ensinaram também que os muçulmanos são mais fortes quando estão unidos – tese que até hoje permanece como uma utopia no Oriente. Mas até que ponto as cruzadas devem ser lembradas em tempos de guerra no Iraque? "Não há por que ficar buscando na história motivos para reacender animosidades entre os dois povos", diz o historiador Demant. "As cruzadas marcaram a história por apenas dois

séculos. Já a convivência pacífica entre cristãos e muçulmanos sobrevive há mais de mil anos". **E**

PARA SABER MAIS

Na Europa:
As Cruzadas Vistas pelos Árabes
Amir Mokaddas, São Paulo, 1998
Brasil:
Islamic World, Illustrated History
Francis Robinson, Cambridge University Press, Reino Unido, 2002
Uma História dos Povos Árabes
Abdel Massoud, Companhia das Letras, 1991
Islã (Cartilha Para Saber Mais)
Roberto Cavalcante, Superinteressante, 2002

INVASÃO DOS TÁRTAROS

Além das invasões das cruzadas, os Tártaros tentaram e foram derrotados no **Egito em 1245** e **em 1248 na Síria e na Palestina.**

Os tártaros continuaram no Iraque e no Irã por muito tempo. Kazan converteu-se ao islamismo em 1290, um ano antes da última cruzada.

**GOVERNOS REGIONAIS OU LOCAIS (259 anos):
1258 a 1517**

**O IMPÉRIO OTTOMANO (405 anos):
1517 a 1922**

CONSEQUÊNCIAS

1- As Cruzadas foram guerras violentas, massacrando muçulmanos e judeus, além de grandes perdas de soldados europeus.

2- Os europeus ganharam: União e Força – Crescimento econômico – Desenvolvimento.

3- As Cruzadas resultaram na deterioração das relações entre os muçulmanos e os europeus.

4- O colonialismo europeu na Terra Santa foi o início de uma longa história de colonialismo no Oriente Médio que continuou até o Século XX, aliás até hoje.

O IMPÉRIO TURCO OTOMANO

O Império muçulmano fundado por Otman, no **século XIII**, se prolonga até o século XX. De um pequeno principado na região da Anatólia (atual Turquia), os turco-otomanos estendem seus domínios pela Europa, pelo Oriente Médio e pelo norte da África.

O responsável pelo florescimento do Império Turco-Otomano como potência mundial é **Mohamed II, o Conquistador**, que anexa Constantinopla em 1453 e invade os Bálcãs. O apogeu do **Império se dá a partir de 1520, com o sultanato de Solimão I, o Magnífico**.

O Império chega às portas de Viena, na Áustria. É grande sua influência na Europa em virtude do poder das armas e das alianças com países cristãos.

A queda do Império Turco-Otomano, em **1922**, marca o fim da supremacia e da união dos Estados muçulmanos.

A Expansão religiosa no século XVI

No século **XVI** iniciou-se o movimento reformista, primeiro a partir do Sacro Império Romano Germânico, **com a doutrina luterana**, que considerava que a Salvação é determinada pela Fé, sendo portanto uma questão individual. Ao romper com a Igreja Católica **Lutero foi perseguido pelos partidários do Imperador** e defendido pelos Príncipes. Após uma longa Guerra, foi **assinada a Paz de Augsburgo (1555)** permitindo que **cada Príncipe definisse a religião a ser adotada** em seu território.

A desvinculação entre a Ciência e a Religião

As Grandes Descobertas

As Grandes Marinhas de Portugal e Espanha,
sempre com navegadores árabes:

Entre o final do século **XV** e início do **XVI** deram nova
feição ao mundo.

A partir de **1487** Bartolomeu Dias contornaria a **África**,
possibilitando a chegada de Vasco da Gama às **Índias**.

Em **1492 Colombo** chegaria à **América** e a partir de
1519 Fernão de **Magalhães** iniciaria a viagem de
circunavegação da **Terra**.

A partir do século XVII, o Império turco otomano entra em crise.

Na Europa, os Estados que integram o Império estão mais fortalecidos e dominam novas técnicas de guerra. Internamente, a retração econômica e a superpopulação causam desemprego e fome generalizados.

As guerras de 1768 e 1792 contra a Rússia são desastrosas para o Exército otomano.

Entre 1800 e 1922, o Império fragmenta-se totalmente em razão também da corrupção administrativa e da interferência da Rússia, da França e do Reino Unido em seus negócios. Em 1882, os otomanos já haviam perdido 40% de seu domínio.

A aliança com a Alemanha na I Guerra Mundial e a derrota que se segue resultam na perda de suas possessões na Arábia, na Síria, na África e no Iraque. Em 1918, britânicos e franceses entram na capital Constantinopla. Em 1922, o sultanato é abolido e, um ano

depois, é proclamada a República da Turquia.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Entre Agosto de 1914 a 11 de Novembro de 1918.

De um lado: o Império Britânico, França, e até 1917 Rússia, e depois de 1917 EUA. De outro: o Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano.

A guerra causou o colapso de quatro impérios e mudou de forma radical o mapa geo-político da Europa e do Oriente Médio.

PETRÓLEO – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA –

ESTADO DE ISRAEL.

A DOMINAÇÃO EUROPÉIA NO ORIENTE MÉDIO

Em 1914, com o início da I Guerra Mundial, a Inglaterra prometeu a independência dos países árabes, então sob o domínio otomano, incluindo Palestina, em troca do apoio dos árabes contra Alemanha e Turquia. Após a Guerra, todos os países árabes foram ocupados pelos Ingleses e Franceses.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Iniciada setembro de 1939.

A maior catástrofe provocada pelo homem em toda a sua história.

Setenta e duas nações.

O número de mortos superou os cinquenta milhões, havendo ainda uns vinte e oito milhões de mutilados.

Essa guerra foi total. Nenhum dos envolvidos selecionou seus objetivos militares excluindo os civis.

Se a Primeira Guerra Mundial provocou um custo de **208 bilhões** de dólares,. esta atingiu a impressionante cifra de **1 trilhão e 500 bilhões** de dólares, quantia que, se investida no combate da miséria humana a teria suprimido da face da terra. Aproximadamente **110 milhões** de homens e mulheres foram mobilizados, dos quais **apenas 30%** não sofreram morte ou ferimento. .

Causas diplomáticas

Quase todos os historiadores concordam que a causa diplomática mais profunda da Segunda Guerra Mundial tem sua origem no Tratado de Versalhes, assinado entre as potências vencedoras da Primeira Grande Guerra (Estados Unidos, Inglaterra, França) e as Vencidas (a Alemanha e a Áustria). A Alemanha se viu em momento

oportuno de recuperar as perdas da 1a GM.

Canal de Suez

**Mais de 1,5 milhão de trabalhadores participaram das obras.
Elas iniciaram em 1859 e terminaram dez anos mais tarde.**

Inglaterra e Egito assinaram, em 1936, um acordo que assegurava a presença militar do Reino Unido na região do canal por um período de 20 anos.

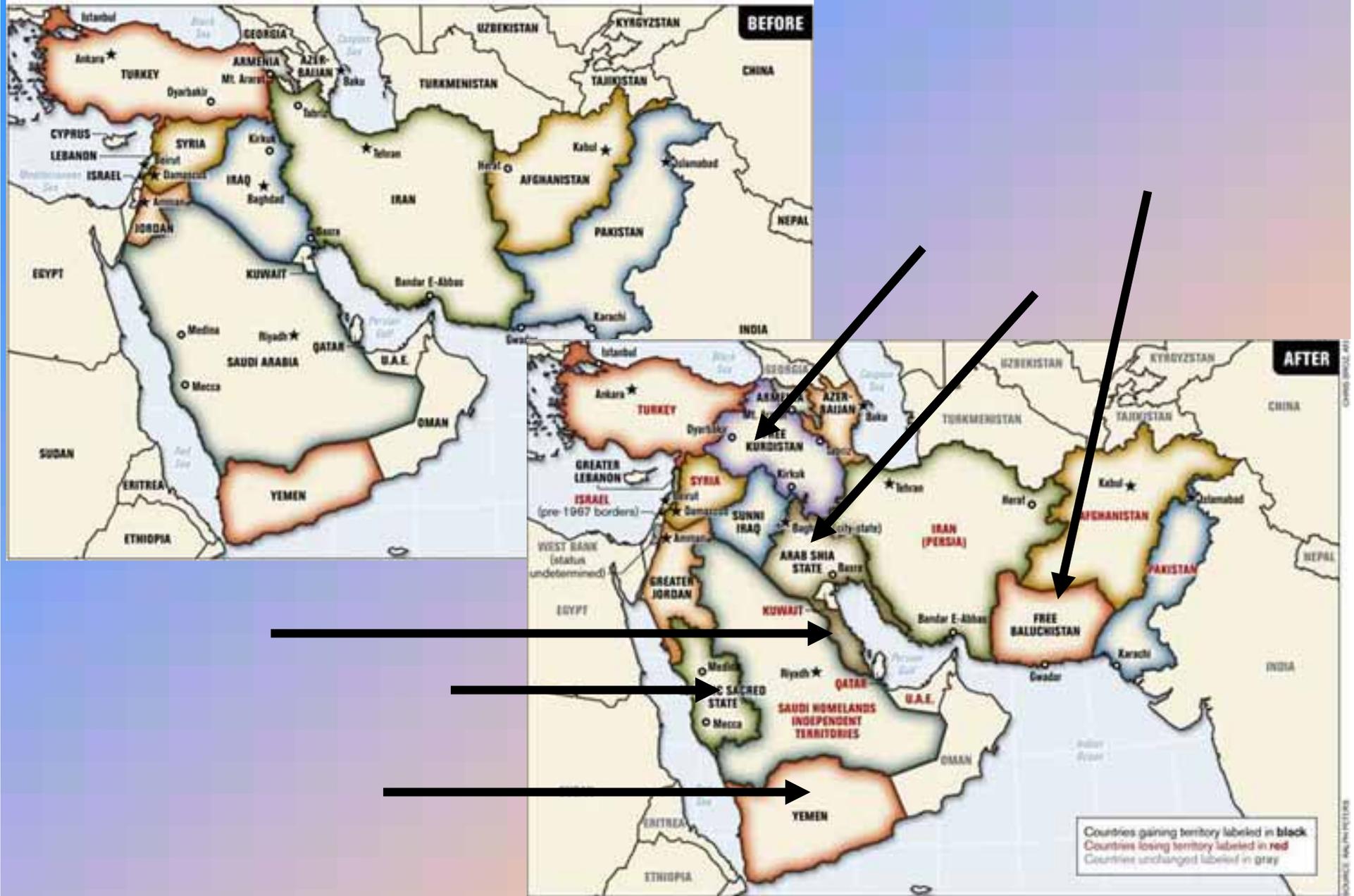
1947 – Partilha da Palestina pela ONU.

Retirada das tropas inglesas em 1954.

Julho - 1956: Nacionalização do Canal.

Outubro 1956 – Egito invadido pelo Reino Unido, França e Israel.

Redrawing the Middle East map



O Oriente Médio novo

MUITO OBRIGADO

Mohamed Habib